

UMA ANÁLISE SOBRE AS PAISAGENS MARINHAS COMO PAISAGENS «MAIS-QUE-MARINHAS»

CAROLINA ALVES D'ALMEIDA*

Com base em perspectivas descoloniais, pluriversais e polirracionais, que questionam a hegemonia da epistemologia moderna universal e monorracional, o presente artigo pretende destacar o caráter não-antropocêntrico e não-eurocêntrico da história dos oceanos e das paisagens marinhas. À luz de perspectivas relacionais dos *estudos multiespécies*, que *através da imersão apaixonada na vida de fungos, microorganismos, animais e plantas*, abrem novos espaços ontológicos e epistemológicos para a pesquisa interdisciplinar e colaborativa¹, busca-se ressaltar a paisagem marinha como uma construção social no âmbito de uma comunidade multiespécies, dentro da qual diferentes modos de vida e pontos de vista se emaranham, estatutos ontológicos são reconfigurados, sentidos são compartilhados e ressignificados, e fronteiras epistemológicas e ontológicas são dissolvidas. Trata-se de um enfoque em mundos preenchidos por uma multiplicidade de significados e sujeitos, onde uma multidão de agentes animados *responde*, tem voz ativa e produz conhecimentos. O abiótico ganha vivacidade² e agência, seres humanos

* Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora substituta do Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. caroldalmvegan@gmail.com.

¹ DOOREN *et al.*, 2016.

² Na perspectiva multiespécies, «muitas entidades, de formações geológicas, aos rios e até geleiras, podem ser pensadas como tendo “modos de vida” distintos, histórias e padrões de tornar-se e emaranhar-se; isto é, modos de afetar e ser afetado» (DOOREN *et al.*, 2016: 2).

tornam-se agentes geológicos, o mar e o clima tornam-se agentes políticos e econômicos, animais marinhos tornam-se cientistas ou pesquisadores, entre outras muitas relações, transformações e metamorfoses.

uma abordagem multiespécies concentra-se nas multidões de agentes animados que fazem com que eles estejam em meio a relações emaranhadas que incluem, mas sempre também excedem, dinâmicas de predador e presa, parasita e hospedeiro, pesquisador e pesquisado, de parceiro simbiótico, ou vizinho indiferente³.

PAISAGEM RELACIONAL

A paisagem, em termos gerais, é definida como o *ambiente construído*. Todavia, para a perspectiva relacional, ela pode ser concebida como uma rede heterogênea constituída por uma multiplicidade de atores em conexão. A partir do enfoque da paisagem, é possível repensar a natureza como indissociável da cultura, e o mundo como agente, o agente como sujeito e o sujeito como multiplicidade. É importante destacar que em outras ontologias não-ocidentais, as categorias natureza e cultura possuem outros estatutos e conteúdos que não estão desconectados. Essas *outras ontologias* são peças-chave para a compreensão da multiplicidade e multiespecificidade da paisagem marinha. O enfoque na paisagem desconstrói e desmantela todas as grandes separações da modernidade ocidental, como natureza/cultura, objeto/sujeito, animal/humano, máquina/organismo, tendo em vista que nela tudo está conectado, inclusive os ambientes distintos, como o marinho, terrestre e aéreo, que se misturam e atravessam em relações de vizinhança.

A paisagem é um conceito transversal, que perpassa diferentes áreas do conhecimento. No entanto, como observa Álvaro Domingues, devido a sua polissemia, o conceito de paisagem é flutuante, vago e instável, «próprio para ser colonizado por uma diversidade enorme de sentidos»⁴. Julian Thomas⁵ aponta para os múltiplos significados da paisagem que têm se modificado repetidamente em tempos históricos:

Paisagem pode significar a topografia e as formas de relevo de uma determinada região, ou um terreno dentro do qual as pessoas habitam, ou um fragmento da terra que pode ser observado a partir de um único ponto de observação, e representado como tal. A Paisagem pode ser um objeto, uma experiência, ou uma representação [pinturas de paisagens], e esses diferentes significados frequentemente fundem-se um no outro⁶.

³ DOOREN *et al.*, 2016: 1.

⁴ DOMINGUES, 2013: 17.

⁵ THOMAS, 2001.

⁶ THOMAS, 2001: 166.

Acerca da paisagem como instrumento de legibilidade e inteligibilidade do real⁷, George Simmel sugere que a percepção de um «todo» ou «unidade» é fundamental para a consciência da paisagem, pois a totalidade se sobreporia às diversidades específicas das suas múltiplas partes, dispostas lado a lado numa parcela de solo e diretamente contempladas: «a nossa consciência, para além dos elementos, deve usufruir de uma totalidade nova, de algo uno, não ligado às suas significações particulares, nem delas mecanicamente composto — só isso é a paisagem»⁸.

Longe de suprimir as *diversas coisas que se encontram lado a lado*, a totalidade que esconde localidades pode ser superada pela multiplicidade de localidades emaranhadas. Neste sentido, a paisagem como dispositivo de inteligibilidade do (realmente) real pode contribuir para a percepção da realidade como multiplicidade e não como totalidade. Esta multiplicidade e multiplicação de perspectivas e influências é fundamental para os estudos multiespécies:

esses contextos maiores não são meros «ambientes», no sentido de um fundo homogêneo, estático, para um sujeito focalizado. Ao contrário, eles são complexas «ecologias de seres», meios dinâmicos que estão continuamente em modelagem e remodelagem; ativamente — mesmo que nem sempre conscientemente — trabalhados através da partilha de «significados, interesses e afetos», bem como de carne, minerais, fluidos, materiais genéticos e muito mais»⁹.

O entorno ou ambiente são totalidades ou unidades homogêneas e estáticas que simplificam a complexidade real das multidões de agentes em conexão. A realidade, como sugere Bruno Latour, não está nas essências totalizantes, mas nos *imbróglis* e misturas, de cultura e natureza, que ligam seres humanos e não-humanos em relacionamentos íntimos. Latour, metaforicamente, discorre sobre *topografia ou paisagem plana* do mundo social, que substitui o local e global por conexões ou redes heterogêneas. Essa paisagem plana é relacional e atravessa, cruza e atalha os lugares antigos de *interação local e contexto global*¹⁰. Trata-se de uma paisagem na qual o micro está ao lado do macro e não abaixo ou dentro.

Sem dúvida, tão logo os locais que manufacturam as estruturas globais são enfatizados, toda a topografia do mundo social se modifica. O macro já não descreve um local maior ou mais amplo em que o micro possa ser encaixado [...], mas outro lugar igualmente local, igualmente micro, conectado a muitos outros por algum meio que

⁷ DOMINGUES, 2013.

⁸ SIMMEL, 1913: 5.

⁹ DOOREN *et al.*, 2016: 1.

¹⁰ LATOUR, 2012.

transporta tipos de traços específicos. Nenhum lugar é maior que outro, mas alguns se beneficiam de conexões bem mais seguras com mais lugares. Esse movimento tem o efeito benéfico de manter a paisagem plana, pois o que antes, na sociologia pré-relativista, se situava “acima” ou “abaixo”, permanece lado a lado e inserido firmemente no mesmo plano dos outros locais que tentava superar ou incluir. O que agora se ressalta muito mais vividamente são as conexões, fios, meios de transporte e veículos que ligam lugares¹¹.

Tudo, sob a ótica da paisagem plana, se organiza horizontalmente e está conectado. Assim, o real captado pela paisagem não é um invólucro ou caixa-preta fechada e lacrada, que esconde diversas coisas heterogêneas e locais, mas se constitui como uma planície viva, que revela conexões múltiplas, perceptível em toda a sua complexidade relacional. Em termos epistêmicos, da perspectiva relacional todo o conhecimento é situado ou local, mesmo que reivindique ser *totalizante, universal e monorracional*, como o conhecimento científico. A partir das relações, pode-se visualizar a complexidade horizontal da paisagem marinha, que aglomera agentes múltiplos e vizinhos, *assemblages* de atores humanos, não-humanos, mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos. Neste sentido, a paisagem marinha não se trata de um fenômeno exclusivamente marinho, mas de um fenômeno «mais-que-marinho», formado a partir de atravessamentos, conexões e co-misturas entre diferentes modos de «vida» e vizinhança, bióticos, abióticos, terrestres, aéreos e aquáticos.

A paisagem relacional como cultura material consiste em relações materializadas no tempo na construção de mundos fronteiriços, que estão inscritas nos nós que conectam sua planície social. Trata-se da materialização dos modos de afetar e ser afetado, ou de atenção¹², entre uma multidão de agentes no decorrer do tempo. Pinturas rupestres de animais, para além de representações produzidas por artistas pré-históricos, são construídas a partir de relações emaranhadas e cosmoecológicas¹³, entre imagens, seres humanos, animais, cavernas, pedras e espíritos. Como um instrumento de inteligibilidade do real, a paisagem também se configura como um texto de vasta discursividade material, que conta as histórias reais e não-factuais das vivências emaranhadas.

Acerca das relações de atravessamento entre agentes terrestres e marinhos inscritas na cultura material das paisagens fronteiriças, é interessante citar os casos raros de representações de vida marinha na arte rupestre. No vale El Médano, na costa do Deserto do Atacama, no Chile, foi encontrada, no início do século XX, uma pintura rupestre vermelha, pintada com óxido de ferro por artistas caçadores-coletores, há quase 1.500

¹¹ LATOUR, 2012: 227.

¹² O cultivo de habilidades para prestar atenção aos outros e para responder significativamente.

¹³ Abordagem articulada por Vinciane Despret e Michel Meuret (2016) que traz deuses, ancestrais e espíritos para os relatos de formas de vida e para os modos de relacionamento e conexão que constituem mundos.

anos atrás, com representações da tradição da caça antiga, de baleias, peixes-espadas, leões-marinhos e tubarões¹⁴. El Médano é uma paisagem peculiar e liminar, pois está localizado entre o oceano e o deserto: «a costa do deserto de Atacama é a fronteira natural entre o deserto mais árido do mundo e um dos seus oceanos mais ricos. O oceano era, e continua a ser, o maior provedor de recursos para a região e um excelente ambiente para facilitar a habitação humana no litoral»¹⁵. É importante destacar que para algumas ontologias e cosmovisões animistas e totemistas, as paisagens são sujeitos ou pessoas, bem como são associadas metaforicamente a corpos ou pensamentos, e consideradas como lugares liminares e fronteiros¹⁶ — de transição e translação.

Segundo Benjamín Ballester, a arte rupestre de El Médano narra a história dramática e crítica da caça marinha durante essa época. A vários quilômetros de distância do norte de El Médano, na ravina de Izcuña, também foram encontradas 328 pinturas diferentes em 24 pedaços de pedra diferentes, datadas na mesma época que a de El Médano. Segundo Ballester, os tipos mais comuns de arte encontrados mostram as silhuetas de peixes grandes, enquanto outras imagens mostram cenas de caça com jangadas e armas. Ballester observa ainda que os peixes e baleias das representações são maiores que os caçadores e as jangadas, o que revela que a presa era uma antagonista assustadora¹⁷. É importante destacar que, no Ocidente, durante séculos, os animais marinhos foram representados como animais fantásticos ou monstros fabulosos e incognoscíveis, personagens significativos de mitos e lendas. As artes rupestres encontradas na paisagem fronteira de El Médano e na ravina de Izcuña são evidências arqueológicas de que a caça marinha era parte essencial dessa sociedade, uma das atividades mais importantes para a subsistência desses povos. Tal paisagem foi construída pela relação de imersão e emaranhamento desses povos pré-históricos com os modos de vida marinhos.

Os sítios de sambaquis, por exemplo, constituem um campo ampliado de análise, que, ao contrário de um simples pano de fundo ou cenário estático e passivo onde os sambaquieiros desenvolvem suas atividades, trata-se de lugares que envolvem uma multiplicidade de agentes (que incluem seres marinhos e materiais orgânicos e calcários, de origem marinha, terrestre ou de água salobra), interações, histórias e sentidos. Segundo Jackeline de Macedo, a paisagem é «um artefato dinâmico que deixa de ser um mero reflexo das ações sociais para ser compreendida como um sujeito ativo, que transforma e é transformada através do tempo»¹⁸. As pessoas que nela vivem não atuam de forma isolada, mas em teias de relações com outros modos de vida, que constroem histórias.

¹⁴ Cf. reportagem *Cenas dramáticas de caça a baleias são encontradas em arte rupestre*, da «National Geographic». Disponível em <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/02/cenas-dramaticas-de-caca-baleias-sao-encontradas-em-arte-rupestre>>.

¹⁵ BALLESTER, 2018: 134.

¹⁶ HAALAND & HAALAND, 2012.

¹⁷ Cf. *loc. cit.*

¹⁸ MACEDO, 2003.

No entanto, dentro da pluralidade de conceitos de paisagem predomina o viés antropocêntrico que a define como ambiente ou mundo vivido fabricado e habitado pelas sociedades humanas em constante mudança. Para compreender a complexidade real da paisagem construída e compartilhada por sociedades multiespécies é necessário repensar a noção antropocêntrica de «social» como um aglomerado que inclui atores humanos e não-humanos, como sugere Latour¹⁹. A dinâmica relacional da paisagem como instrumento de inteligibilidade e legibilidade do realmente real pode ser compreendida através da *Teoria Ator-Rede*, segundo a qual a sociedade deve ser concebida em termos de ação, como uma vasta rede de atores ou *actantes*, onde cada indivíduo é um nó particular:

A teoria ator-rede é uma família distinta de ferramentas materiais-semióticas, sensibilidades e métodos de análise que tratam tudo dentro dos mundos sociais e naturais como um efeito gerado de forma contínua das redes de relações dentro das quais estão localizados. Supõe-se que nada tem realidade ou forma fora da ordem dessas relações. [...] a abordagem ator-rede descreve assim a promulgação de relações materialmente e discursivamente heterogêneas que produzem e reorganizam todos os tipos de atores, incluindo objetos, sujeitos, seres humanos, máquinas, animais, «natureza», ideias, organizações, desigualdades, escala e tamanhos, e arranjos geográficos²⁰.

Latour considera que a «própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza» e acrescenta que «não existem nem culturas — diferentes ou universais — nem uma natureza universal. Existem apenas “naturezasculturas”, as quais constituem a única base possível para comparações»²¹. Nas palavras do arqueólogo Bjørnar Olsen:

Em vez de reduzir o mundo ao regime de dois reinos ontológicos opostos, cultura-natureza, essa abordagem afirma que quase tudo acontece entre os dois extremos, acontece por mediação e tradução, por redes heterogêneas que ligam todos os tipos de materiais e entidades. A realidade não se encontra nas essências, mas em imbróglis e misturas, os tecidos sem costura e como rizomas, de cultura e natureza, que ligam seres humanos e não-humanos em relacionamentos íntimos. É um regime democrático e inclusivo, tudo pode se tornar ator (ou actante) ao ser incluído em uma rede e ao ser atribuído propriedades para atuar. É um regime que cuida dos híbridos e das relações híbridas que outros sistemas (sejam eles sociais ou naturais) têm ignorado amplamente²².

¹⁹ LATOUR, 2012.

²⁰ LAW, 2007: 2.

²¹ LATOUR, 1994: 102.

²² OLSEN, 2003: 98.

A ideia de «comunidades híbridas» de Dominique Lestel, apesar de enfatizar as relações intersubjetivas entre animais e humanos, também pode ajudar a compreender a dimensão multiespécies da paisagem. Segundo Lestel, as relações entre os animais humanos e não-humanos constituem comunidades híbridas (sociedades *lupo-humanas*, *felino-humanas*, etc.), onde circulam uma multiplicidade de sujeitos em constante interação, que compartilham espaços ecológicos e socioculturais, interesses, ações, afetos, sentidos²³.

As paisagens também podem ser compreendidas através da ideia dos «mundos-próprios» (*Umwelt*) de Jakob von Uexküll (1933), embora não sejam unidades fechadas. Os «mundos-próprios», como fenômenos biológico-culturais ou objetivos-subjetivos, são constituídos através dos diferentes modos de os seres vivos apreenderem, perceberem e usarem a realidade circundante, que variam de acordo com as particularidades biológicas do aparato perceptivo (órgãos sensoriais) de cada espécie. Uexküll reconhecia os animais não-humanos como sujeitos capazes de interpretar e preencher de significados os seus mundos particulares, considerando as diferentes formas de se perceber e agir no ambiente. Tal como a paisagem, esses mundos são realidades subjetivas, dotadas de significados, que dependem da experiência individual de espaço e tempo dos diferentes modos de vida, e que podem tanto ser construídas materialmente, quanto *ideacionalmente*, através da interpretação e atribuição de significados.

A paisagem, portanto, não pode ser compreendida pela análise isolada de seus componentes, e sim através do estudo de suas redes e *imbróglis* de humanos, não-humanos, mais-que-humanos, quase-humanos e desumanos, dos seus modos de afetar e ser afetado, como sugere a *etologia* repensada por Gilles Deleuze²⁴.

PAISAGENS «MAIS-QUE-MARINHAS»

As paisagens marinhas, do ponto de vista relacional, se destacam por serem múltiplas e, sobretudo, líquidas (no sentido literal, figurado e metafórico), tendo em vista que sua realidade envolve a transição e transgressão de fronteiras físicas, ontológicas e epistemológicas, bem como uma multiplicidade de atores humanos e não-humanos em conexão, que se atravessam e se transformam. A transgressão de fronteiras epistemológicas diz respeito à produção de conhecimentos pluriversais e polirraciais sobre o mar através de redes heterogêneas que ligam atores de diferentes localidades, pontos de vista e racionalidades que atravessam ou habitam os mares (naturalistas, cientistas, poetas, marinheiros, pescadores, caçadores, povos indígenas, comunidades tradicionais, os demais seres marinhos, a maré, o clima, o vento, entre outros).

²³ LESTEL *et al.*, 2010.

²⁴ Deleuze redefine a *etologia* (ciência do comportamento animal) como os estudos das relações — e não das formas — «que definem os corpos, os animais ou os homens, pelos afetos de que são capazes». Segundo o filósofo, «a etologia é, antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa. Para cada coisa, essas relações e esses poderes possuem uma amplitude, limiares (mínimo e máximo), variações ou transformações próprias» (DELEUZE, 2002: 130).

Na República de Kiribati, um Estado composto por 33 ilhas no meio do Pacífico, no qual as principais atividades são a pesca e a agricultura familiar, a relação da comunidade com o mar é bem peculiar, tendo em vista que sua economia e suas atividades, principalmente as de pesca e transporte, estão condicionadas a ascensão e queda da maré. Desse modo, a população de Kiribati vive imergindo, fisicamente e ontologicamente, no mar, em relações emaranhadas que constituem sua peculiar paisagem. Em outras palavras, a maré é um ator com força econômica e política, que determina e preenche de sentidos as vidas na comunidade de Kiribati. Esta cultiva pelo mar profundo respeito e admiração, num sentido quase espiritual ou cosmoecológico, como é comum em muitas populações locais e tradicionais ontologicamente conectadas aos oceanos, mares, rios, lagos, lagoas e lagunas. Além disso, as variações das marés são causadas por uma série de problemas ambientais ligados à mutação climática, sendo elas agentes de força global na construção das paisagens marinhas. Cientistas prevêem que Kiribati se tornará inabitável em algumas décadas. A maré de Kiribati é como a fúria do deus Tangaroa em resposta às mutações climáticas causadas pela exploração capitalista desenfreada da natureza *objetificada* e reduzida a *recursos* ou *commodities*. Trata-se da resposta do mar aos *agentes geológicos*²⁵ do Antropoceno²⁶, ou melhor, do Capitaloceno²⁷. A paisagem de Kiribati, nesse sentido, vem sendo constantemente modificada por diferentes agentes (com forças de diferentes escalas) em relações de emaranhamento multiespecífico²⁸.

Na paisagem de Laguna, no Estado de Santa Catarina, Brasil, além da influência da maré e do clima nas atividades de pesca, acontece um fenômeno raro de «pesca cooperativa», no qual golfinhos (da espécie *Tursiops truncatus*, ou «nariz de garrafa») ajudam e cooperam com pescadores artesanais na pesca de tainhas. Os golfinhos desempenham um papel-chave, não menos importante que o dos pescadores humanos, nas práticas de pesca artesanal, colaborando na localização dos peixes. Tal espécie de golfinho é a mais comum que existe, no mundo todo. O que os distingue de outros da mesma espécie, mas de regiões diferentes, é esse comportamento cultural, ou melhor, esse costume ou «tradição híbrida» de pescar com humanos. Os pescadores artesanais parceiros desses golfinhos os identificam por nomes próprios, e os tratam como amigos. Os golfinhos são identificados pelas marcas que têm nas galhas. É um exemplo de comunidade híbrida de pescador-golfinho, na qual esses diferentes sujeitos compartilham espaços ecológicos e

²⁵ O termo se refere à força e o impacto geológico das atividades humanas (antropogênicas).

²⁶ Termo cunhado pelo químico Paul J. Crutzen e seu colaborador, Eugene F. Stoermer, especialista em ciência marinha, para descrever a época geológica mais recente da Terra, que teria como característica principal os extensos e crescentes impactos das atividades humanas na terra, na atmosfera e em todas as escalas.

²⁷ Termo cunhado por Donna Haraway que problematiza a concepção universal de Antropoceno e responsabiliza o sistema capitalista pela crise ecológica, pelas mutações climáticas e danos ecológicos, uma vez que é o Capitalismo que estimula o homem a explorar a Terra.

²⁸ O «termo “espécies” nos “estudos multiespécies” expressa “modos de vida” particulares e qualquer reunião relevante de um conjunto de parentes e/ou tipos» (DOOREN *et al.*, 2016: 3).

culturais. O golfinho, nesse contexto, é um pescador artesanal, com profundo conhecimento sobre localização de tainhas que é muito importante para as atividades de pesca. Em termos (etno)científicos, o golfinho é um ator-rede que pode contribuir significativamente com seus pontos de vista. Em outras palavras, os golfinhos poderiam cooperar com os cientistas nas suas práticas científicas, viabilizando-as através de seus conhecimentos sobre a localização de peixes.

No enfoque da paisagem (mais que) marinha, é possível notar as redes heterogêneas construídas nas práticas científicas das ciências marinhas, nas quais diferentes atores trabalham juntos em rede, em situações dinâmicas: o cientista marinho, o piloto do barco, o pescador, os animais marinhos, a maré, as alterações climáticas, entre outros. À luz da perspectiva relacional, diferentes localidades e racionalidades que atravessaram os mares tornam-se visíveis.

Nas primeiras viagens de observação e estudo científico do comportamento dos animais marinhos, inacessíveis e incognoscíveis das localidades terrenas, era necessário que os naturalistas estivessem dispostos a adentrar no mundo, para eles desconhecido e fantástico, das «aventuras» marítimas, bem como que conhecessem o básico sobre as navegações. Segundo Odile Gannier, antes do final do século XVIII não havia naturalistas a bordo dos navios, mas apenas o que era necessário para as explorações marítimas²⁹. Os naturalistas viajavam, mas recebiam outras funções e cargos, além da observação da fauna marinha. Ou seja, tinham que trabalhar junto com os homens do mar, marujos, marinheiros e pescadores, bem como acompanhar os animais marinhos sem a mediação das tecnologias subaquáticas. Assim, os primeiros conhecimentos naturalísticos sobre animais marinhos, estes «radicalmente outros» tão difíceis de observar e acessar, tornaram-se possíveis através do diálogo e da cooperação entre esses diferentes atores-tripulantes dos navios, e, por conseguinte, entre seus diferentes interesses, sentidos e pontos de vista sobre o mar. Tais pontos de vista, localidades (globais ou locais, universais ou pluriversais) e interesses caminhavam juntos, lado a lado, nas embarcações, constituindo ricas redes sociotécnicas de produção de conhecimento sobre o mar e os modos de vida marinhos. Todos os conhecimentos produzidos na realidade traduzida pelas paisagens mais-que-marinhas, portanto, são situados ou localizados.

Os animais marinhos ocupam espaços epistêmicos e estatutos ontológicos importantes nessa rede. Eles despertavam e provocavam nas tripulações diferentes sentimentos, afetos, olhares e interesses: como animais fantásticos ou monstros fabulosos, híbridos e incognoscíveis, personagens de mitos e lendas, em diferentes cosmologias; como objetos da exploração econômica pela indústria baleeira; como objetos de investigação científica e naturalística, ou espécies interessantes que despertavam a curiosidade de naturalistas em observar, descrever, classificar e imergir em seus diferentes mundos;

²⁹ GANNIER, 2009.

ou como seres vivos dotados de inteligência, senciência e consciência, que correm perigo e precisam ser protegidos. A embarcação como um actante fronteiro e transversal torna-se um laboratório de experiências ontológicas, que reúne diferentes localidades e racionalidades em conexão, organizados horizontalmente e conectados por nós resistentes. Os «naturalistas viajantes» das embarcações eram formados por um coletivo de profissionais de diversos tipos, habilidades e pontos de vista: oficiais da Marinha, jardineiros coletores, desenhistas e pintores, taxidermistas, entre outros.

Marinheiros, pescadores e «homens-do-mar», ontologicamente conectados ao mar, forneciam informações valiosas sobre localização, comportamento e vias migratórias dos animais marinhos para os naturalistas. Segundo Gannier, esses marinheiros eram um «terceiro tipo de pessoa», ao lado dos vivos e dos mortos, pois eram os únicos naquele tempo a conhecer os «monstros do mar»³⁰.

Esses diálogos perduram até os dias atuais, quando biólogos marinhos imergem na paisagem mais-que-marinha, em pesquisas de campo lado a lado, e em diálogo, com «outros» atores. As tecnologias subaquáticas de monitoramento da fauna marinha começaram a ocupar espaço nessas práticas científicas, como mediadoras e tradutoras muito eficientes dos mundos e linguagens subaquáticos.

Esse recorte nas redes de relações históricas que possibilitaram o surgimento dos estudos dos comportamentos de animais marinhos pode elucidar o caráter fluido, transversal e múltiplo da paisagem marinha, construída socialmente por seres marinhos, por exploradores, por caçadores, por naturalistas, por cientistas ou por viajantes, que a atravessam ou habitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou dar visibilidade à complexidade das relações emaranhadas que constituem as paisagens marinhas. O ambiente marinho, como lugar e não-lugar, onde atravessam, interagem ou habitam uma multiplicidade de agentes animados que lhe atribuem múltiplos sentidos e significados, trata-se, portanto, de uma paisagem plana e fronteira. A realidade compreendida por essa paisagem é uma rede de *imbrólios*, misturas ou emaranhamentos entre diferentes lugares e modos de vida, marinhos, terrestres, aéreos, espirituais, etc, onde se entrelaçam diferentes pontos de vista, racionalidades, sentidos e interesses sobre o mar. As paisagens marinhas são, acima de tudo, «mais-que-marinhas», pois são múltiplas e transversais, formadas por comunidades multiespécies, dentro das quais diferentes modos de vida, temporalidades, espacialidades, territorialidades, escalas, sentidos, políticas, ontologias, epistemologias se atravessam, cruzam e atalham. Na paisagem «mais-que-marinha» o lugar e o não-lugar se interpenetram e perpassam.

³⁰ GANNIER, 2009.

O mar é um não-lugar para um naturalista e um lugar para os seres marinhos, enquanto a terra é um lugar para um naturalista e um não-lugar para os seres marinhos. O mar é um lugar e não-lugar para um marinheiro, pescador ou homem-do-mar. No entanto, no enfoque da paisagem mais-que-marinha esses lugares e não-lugares se organizam lado a lado, se conectam, se misturam, se atravessam e se metamorfoseiam. Em termos epistemológicos, por ser uma planície social fronteiriça, que atravessa e dissolve fronteiras físicas, epistêmicas e ontológicas, a paisagem mais-que-marinha também é um espaço para a produção de conhecimentos múltiplos e situados.

BIBLIOGRAFIA

- BALLESTER, Benjamín (2018) — *El Médano rock art style: Izcuña paintings and the marine hunter-gatherers of the Atacama Desert*. «American Archaeology», vol. 92, n.º 361, p. 132-148.
- DELEUZE, Gilles (2002) — *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- DESPRET, Vinciane; MEURET, Michel (2016) — *Cosmoecological Sheep and the Arts of Living on a Damaged Planet*. «Environmental Humanities», vol. 8, n.º 1, p. 24-36.
- DOMINGUES, Álvaro (2013) — *Paisagens Transgênicas*. «ZARCH», 1, p. 16-35.
- DOOREN, Thom van; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula (2016) — *Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção*. Trad. Susana Oliveira Dias. «ClimaCom [online]», ano 3, n.º 7. Campinas: Incertezas, p. 39-66.
- GANNIER, Odile (2009) — *Building marine mammal knowledge: scholars and seamen*. In BRITO, Cristina; EVANS, Peter G. H., ed. — *Proceedings of the ecs workshop marine mammal history*. (Ecs. special publication series, n.º 50).
- HAALAND, Randi; HAALAND, Gunnar (2012) — *Landscape*. In INSOLL, Timothy, ed. — *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford Handbooks Online. Oxford University Press: New York.
- LATOURE, Bruno (1994) — *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ____ (2012) — *Reagregando o Social*. Bauru, SP: EDUSC/Salvador, BA: EDUFBA.
- LAW, John (2007) — *Actor Network Theory and Material Semiotics*. Disponível em <<http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf>>. [Consulta realizada em 18.03.2017].
- LESTEL, D.; BRUNOIS, F.; GAUNET, F (2010) — *Etho-ethnology and ethno-ethnology*. «Social Science Information», 45, p. 155-177.
- MACEDO, Jackeline de (2003) — *A arqueologia aplicada na preservação de bens culturais. Estudo de caso: A Igreja de São Lourenço dos Índios, Niterói/RJ*. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em Arquitetura. Dissertação de mestrado.
- OLSEN, Bjørnar (2003) — *Material Culture after Text: Re-Membering Things*. «Norwegian Archaeological Review», vol. 36, n.º 2, p. 87-104.
- SIMMEL, Georg (1913) — *A Filosofia da Paisagem*. Traduzido por Artur Morão. In ROSA, José M. S.; MORÃO, Artur (2009) — *Textos Clássicos de Filosofia*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p. 1-18.
- THOMAS, Julian (2001) — *Archaeologies of Places and Landscape*. In HODDER, Ian, ed. — *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity, p. 165-186.
- UEXKÜLL, Jakob von (1933) — *Dos animais e dos homens: digressões pelos seus próprios mundos, doutrina do significado*. Trad: Alberto Candeias e Aníbal G. Pereira. Lisboa: Livros do Brasil.

